

BILINGÜISMO NO BRASIL: O CASO DA COMUNIDADE POMERANA DE LARANJA DA TERRA

Ismael Tressmann (Museu Nacional/UFRJ)

RESUMO: Na comunidade pomerana de Laranja da Terra-ES encontramos uma situação de diglossia com bilingüismo. O Pomerano¹ é utilizado nas interações verbais da esfera familiar e com os vizinhos próximos. Já o uso do Português se dá geralmente em contextos formais. Este grupo bilíngüe é composto por cerca de 70% dos membros.

PALAVRAS-CHAVE: Bilingüismo; diglossia com bilingüismo; variedades alta e baixa.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país multiétnico e multilíngüe, onde várias culturas e línguas diversas coexistem ocupando o mesmo espaço. Além das línguas indígenas, em número de aproximadamente 180, encontramos aqui grupos de descendentes de imigrantes que mantiveram o uso da língua nativa e o modo de vida camponês.

No Estado do Espírito Santo encontramos uma situação singular. A partir da segunda metade da década de 40 do século XIX começaram a se estabelecer ali imigrantes de procedência germânica, das regiões que atualmente correspondem à Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda, Luxemburgo e Bélgica. Esses povos formavam um grupo cultural e lingüístico heterogêneo.

Em 1846 aportou em Vitória um grupo de hunsrücker, provenientes da atual Alemanha central. Eles subiram o rio Jucu e se estabeleceram no atual município de Domingos Martins. Somente 13 anos mais tarde, i.e., em 1859, que chegaram os pomeranos, os quais se instalaram na recém criada colônia de Santa Leopoldina, no rio Santa Maria da Vitória.

A imigração pomerana continuou, principalmente na década de 1870, quando também cessou. Pelo fato do grupo pomerano ser numericamente superior, ele absorveu os demais grupos germânicos. Embora cada grupo ainda continuasse falando, de certa forma, o seu próprio idioma, o Pomerano passou a ser a língua de comunicação entre os descendentes de imigrantes.

¹ Referimo-nos, especialmente, ao “Pomerano-brasileiro”, i.e, a língua falada pelos descendentes dos pomeranos que imigraram, em sua maioria, da Pomerânia Oriental (Hinterpommern - que na época era uma província da Prússia), para o Espírito Santo a partir de 1859.

Estima-se que a população pomerana no Espírito Santo atualmente gire em torno de 120 mil pessoas. O número de pomeranos no Brasil, concentrados atualmente nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, talvez, ultrapasse 300 mil indivíduos.²

A literatura lingüística, no entanto, comumente trata os grupos germânicos que imigraram para o Brasil como um grupo cultural e lingüisticamente homogêneo. Os falares dos descendentes dos imigrantes são considerados como uma língua só, quando na verdade, não há sequer intercompreensão entre os falantes dos assim chamados “dialetos”. Assim como continua existindo para muitos o índio genérico, estereotipado, que fala o Tupi, adora Tupã e dorme em rede, há também o “alemão genérico”. Desta maneira, restringe-se o conceito de língua a um país, a um estado-nação.

Na comunidade de Laranja da Terra, situada nas montanhas centrais do estado do Espírito Santo e onde vivem cerca de 6 mil descendentes de pomeranos, se reflete, de uma maneira particular, esta diversidade lingüística. Encontramos naquela comunidade três grupos de falantes multilíngües e bilíngües, a saber: (a) falantes em Pomerano (POM) e Português; (b) em Pomerano, Português e Alemão-padrão (ALEM); (c) em Pomerano, Português, Hunsrückisch (HUNSR) e ALEM. Cada grupo apresenta peculiaridades diversas quanto à distribuição, domínio e uso das respectivas línguas.

O grupo constituído pelo maior número de falantes, porém, é bilíngüe em Pomerano e Português. Neste trabalho, pretendo demonstrar que na comunidade pomerana laranjense encontramos uma situação de diglossia com bilingüismo. Embora o Português e o Pomerano sejam consideradas, respectivamente, variedades alta e baixa, cada uma destas línguas é utilizada em circunstâncias distintas e diferenciadas entre si. Neste sentido, verificamos na comunidade pomerana um situação lingüística um tanto diversa da que encontramos na Suíça alemã, analisada por Ferguson (1959). Segundo o autor, naquela região encontramos uma situação diglössica, com concorrência entre as línguas, onde a variedade alta (H) é o Alemão-padrão e a baixa (L), o Alemão-suíço, denominado de *Schweizerdeutsch*.

Além da bibliografia assinalada no final deste trabalho, servimo-nos dos dados recolhidos por intermédio de um questionário distribuído entre membros da comunidade que moram tanto na vila de Laranja da Terra quanto nas cercanias da mesma, além de gravações em fitas magnéticas. As perguntas relacionadas no questionário nos dão uma indicação abrangente quanto à distribuição e o domínio das línguas faladas pela comunidade laranjense, além de dados sociológicos dos entrevistados. O referido questionário encontra-se ainda bastante incompleto, e necessitaria, para uma abordagem mais profunda do assunto, ser revisado e ampliado. Procurou-se

²Granzow (1972) estimou, no início da década de 1970, a população pomerana no Brasil em torno de 250 mil pessoas. Rölke (informação pessoal), segundo sua pesquisa em andamento, confirma os dados atuais tanto da população pomerana em solo capixaba quanto a nível nacional.

considerar o contexto sócio-cultural-político do grupo em foco e, deste modo, garantir uma visão mais crítica dos participantes da pesquisa como estando ativamente envolvidos no mundo social que os cerca.

Esperamos que o presente estudo venha trazer uma colaboração para a transformação do pensamento geral, segundo o qual vivemos num país onde cada grupo étnico tem a garantia de se expressar livremente através da sua língua nativa, bem como dar alguma contribuição às comunidades multilíngües e bilíngües em solo brasileiro que teimam em resistir a toda tentativa de homogeneização cultural e lingüística.

1- A IMIGRAÇÃO PARA O ESPÍRITO SANTO - SITUAÇÃO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA

A imigração pomerana para o Espírito Santo foi precedida pela vinda, em 1846, de imigrantes procedentes do Reno-Hessen, das elevações do Hunsrück, atual Alemanha. Os pomeranos que chegaram mais tarde, a partir de 1859, após poucos anos absorveram numérica e lingüisticamente os demais grupos germânicos de imigrantes.

Os imigrantes formavam um grupo cultural e lingüisticamente heterogêneo quanto à sua origem.³ Além dos hunsrücker e pomeranos, chegaram ao Espírito Santo os seguintes grupos: suíços (1857), luxemburgueses (1858), prussianos (1858), holandeses (1859), tirolezes (1860), saxões (1860), hesses (1860), além de badenses, Holstein-Mecklenburgueses, nassauenses, bávaros, hanoveranos, oldenburgueses, Schwartzburg-Rudolstaedtenses, belgas, sardos, ingleses e franceses (Wagemann, 1915:24; Rölke:91-92, baseado em Struck).

1.1 - Os pomeranos na colônia de Santa Leopoldina

1.1.1 - Os inícios

Os pomeranos chegaram no Espírito Santo em julho de 1859. Subiram o rio Santa Maria de Vitória e se estabeleceram na recém criada colônia de Santa Leopoldina. Ocupam, portanto, a região montanhosa do centro do estado, denominada de *Kulland*, terra fria. A capital regional da vasta zona rural, grande produtora de café, era o Porto de Cachoeiro.

Apesar do Decreto de Heydt (1859), que proibia a imigração para o Espírito Santo, mais levas de pomeranos continuaram a chegar, principalmente na década de 1870. Entre 1872 e 1873 é registrado a entrada

³Willems (1946:63) nos relata um exemplo muito interessante quanto à dimensão dessa heterogeneidade. Um hunsrücker, ao ser perguntado se era alemão, respondeu prontamente: “Ora, eu não sou alemão, sou hunsbuckler [hunsrücker]”. “Naa, mir sein ka Deutsche, mir sein Hunsbuckler”.

de 2.142 imigrantes. Em termos de Brasil, estima-se que, no total, entraram cerca de 30 mil pomeranos no país (Struck, 1992:56).⁴

A demarcação das propriedades rurais na colônia deixavam muito a desejar, pois ocorriam, não raro, medições incorretas por parte dos agrimensores. A terra de encosta é pedregosa, ao contrário da terra baixa, e de difícil manuseio. Observa Wagemann que já no início da colonização os lavradores buscam outros trabalhos para sobreviver (Wagemann: 25).

Além das doenças desconhecidas como malária e febre amarela, a sociedade pomerana sofreu, desde o início, segregação por parte das autoridades brasileiras. Não lhes foi permitido, por exemplo, construir torres em suas igrejas luteranas. As comunidades tiveram que esperar até que esta lei fosse revogada, para que pudessem construir suas igrejas com torre, o que se deu no final do século XIX.

1.1.2 - A situação lingüística

Os pomeranos levaram para a colônia de Santa Leopoldina, além do traço sócio-cultural, a língua pomerana e indivíduos isolados falavam e/ou entendiam também o ALEM.⁵ Wagemann nos relata sobre a situação lingüística na colônia de Santa Leopoldina: Os pomeranos “embora vivam no Brasil há três gerações, não aprenderam o linguajar do país ... e muitos dentre eles quase não sabem falar o alto-alemão.” Mas já os “saxônios e os suíços conservam os respectivos dialetos; todavia, são capazes de se exprimir, inteligivelmente, no alto-alemão” (Wagemann: 92).

Certamente predominava o Pomerano como língua corrente não só no seio da família como também no comércio. Podemos, assim, com uma grande margem de acerto, afirmar que entre os primeiros imigrantes pomeranos, ou seja, a primeira geração, a situação era de um relativo bilingüismo. Esta situação veio a se alterar mais tarde, a partir do contato mais intenso com outros grupos germânicos, chegada dos primeiros pastores alemães⁶ bem como com a entrada paulatina da língua portuguesa na sociedade pomerana.

⁴ Comparado com a quantidade de pomeranos que imigraram para os Estados Unidos e Austrália, o número acima é muito baixo. Somente para os Estados Unidos imigraram 331.400 entre 1830 e 1900.

⁵ Era grande o número de analfabetos. Num documento mencionado por Damitz do ano de 1839, de 83 envolvidos na questão, apenas 23 conseguem assinar o nome (Damitz: 1991, 3).

⁶ A imposição do Alemão-padrão, porém, nem sempre foi aceita por todas as comunidades pomeranas capixabas. Os líderes religiosos da comunidade de Jequitibá, por exemplo, tiveram que ser substituídos várias vezes, pois não sabiam falar Pomerano. Passaram por ali, entre pastores locais e substitutos, 27 religiosos, entre 1879 e 1952 (Cf. Burger, G. Die Pommern-Gemeinde Jequitibá. In: Vários, 1955: 228-231). A permanência de cada pastor girou em torno de dois anos e sete meses, uma média que pode ser considerada muito baixa. Granzow (1972: 45), referindo-se àquela comunidade, se admira

Com a chegada de pastores e professores provenientes da Baviera, Alemanha, o ALEM adquire alto *status* social.

1.2 - A migração para a região do rio Guandu

Na virada do século iniciou-se entre os colonos da terra fria uma migração para a região da *Warmland*, terra quente. Essa compreende a região banhada pelos rios Guandu e Santa Joana, afluentes da margem direita do Rio Doce.

O principal motivo desta migração interna é a procura de novas terras para a agricultura e a esperança de melhoria das condições de vida. O lote que cada família podia adquirir (25-30 hectares) tornou-se insuficiente para a reprodução do campesinato ali formado a partir da 2ª geração. O resultado disso foi uma grande mobilidade da população pomerana, a qual se repetiu na década de 1950 (para o Paraná) e a partir de 1970, até inícios da primeira metade dos anos 1980 (para Rondônia).

No início da década de 1910, uma parcela dos colonos dirigiu-se para a localidade de Laranja da Terra, às margens do córrego de mesmo nome, onde fundou uma nova comunidade pomerana na floresta tropical.

1.2.1 - A comunidade pomerana de Laranja da Terra

Em 1908, os irmãos Seibel estiveram em Laranja da Terra a fim de conhecer a região, onde já havia um pequeno núcleo de colonização iniciada por luso-brasileiros. Eles são descendentes de uma família procedentes do Rheinhessen (Reno-Hesse), atual Alemanha, que imigrou para o Rio Farinha, Santa Leopoldina, em 1864. Os Seibels, portanto, falam o Hunsrückisch⁷ como língua materna.

Em fevereiro de 1910 instalou-se em Laranja da Terra Wilhelm Seibel, seguido, depois, pelos seus 6 irmãos. As terras ocupadas pelos novos migrantes foram compradas de proprietários pioneiros da região, oriundos do estado de Minas Gerais, que ali estavam instalados desde os anos de 1880. A região era habitada até a chegada dos primeiros colonizadores pelo grupo indígena Nakrehê (Nimuendaju, Mapa Etno-histórico, 1981 [1944]). Assim que se iniciou a colonização no local, os indígenas desceram o rio Guandu em direção ao rio Doce. Remanescentes deste povo atualmente habitam na Área Indígena Krenak, situada às margens do Rio Doce, em Minas Gerais.

que as pessoas ali só falem o Pomerano, compreendem mal o Alemão-padrão e não entendem nada do Português.

⁷Nos estudos dos falares alemães, não encontramos o termo Hunsrückisch ou Hunsbucklisch para designar a variedade falada naquela região. Beckers (1980) afirma que a região de Pfalz se constitui dialetalmente pelo chamado Moselfränkisch (que inclui a região do Hunsrück) e pelo Pfälzisch. Mantemos aqui o termo Hunsrückisch para designar “a língua dos Seibels”, como também é denominada, porque os falantes se referem à mesma com este nome.

Após os Seibels, começaram a chegar outras famílias de colonos, em sua grande maioria pomeranos, provenientes da Santa Maria de Jetibá, Jequitibá e outras localidades de Santa Leopoldina. Ao cabo de 2 anos havia em Laranja da Terra cerca de 40 famílias de migrantes. A maioria era lavradores, com a exceção de alguns pequenos artesãos. Com a chegada maíca de pomeranos, o grupo dos hunsrücker, que ali primeiro se instalou, foi numericamente absorvido.

1.2.1.1 - Situação lingüística inicial

Os Seibels, quando chegaram no novo núcleo, eram praticamente monolíngües em HUNSR, e alguns indivíduos falavam também ALEM. Aprenderam a falar Pomerano com a famílias que foram se instalando aos poucos em Laranja da Terra. Com a predominância de famílias de fala pomerana, o POM tornou-se, como na terra fria, a língua mais falada entre os colonos.

Em Laranja da Terra, portanto, os pomeranos e os hunsrücker passaram a morar num mesmo local, o que abriu a possibilidade de haver, desde o início, casamentos mistos entre os grupos. Encontramos, porém, uma situação inversa entre os colonos “teutos” no atual município de Domingos Martins, com algumas exceções, onde os grupos moram em locais separados. Lá, os pomeranos concentram-se em Melgaço e Paraju, enquanto que os hunsrücker instalaram-se mais perto da sede do município. Decorre daí que o HUNSR naquela região conseguiu se fixar mais, ao passo que em Laranja da Terra esta variedade é falada por uma minoria.

Já nos estados do sul do Brasil, a população pomerana - apesar de haver uma concentração expressiva em São Lourenço do Sul e Pelotas (RS) e Pomerode (SC) -, em sua grande maioria foi absorvida pelos grupos de fala HUNSR e de ALEM. Esses dois últimos grupos já se encontram no extremo Sul desde 1824.

Em Laranja da Terra o ALEM começou a ser mais utilizado por volta de 1914, ano da chegada do primeiro pastor luterano, natural da Alemanha. A escola alemã a partir daí passou a funcionar regularmente, onde se aprendia a ler-e-escrever com vistas ao ensino religioso. Treinava-se a leitura e a escrita em ALEM e simultaneamente aprendia-se o Catecismo e passagens da Bíblia. Assim como ocorria na Pomerânia,⁸ principalmente pelo fato de não falarem o ALEM, só alguns lêem e escrevem nesta língua, como podemos observar no relato de N.B, 50: “ O Alemão-padrão, eu compreendia muito pouco porque em casa só conversávamos em Pomerano. E o Alemão-padrão não aprendemos; eu também não sabia ler nesta língua. Por isso que era difícil, pois eu não compreendia o Alemão-padrão direito”.⁹ Assim, o

⁸ Veja nota V.

⁹ “Houchdüütsch dâir ik man seir weinîg forstâe, weegen wij dâire t’huus blous Pomerisch reere. Un Hougdüütsch häwe wij ni leirt; un Hougdüütsch leese forstüün ik uk ni. Dârweegen wâir dat slim, den forstüün ik dat richtig ni”. (Fita 02 - Escola, Relato 03; 1997).

aprendizado propriamente dito geralmente não ocorre, pois decora-se textos apenas.

O Português, naquela época, era muito pouco ou quase não falado pela maioria, situação que veio a se modificar só a partir do final da década de 1930.

Em abril de 1938 a escola de Laranja da Terra, bem como todas as escolas alemãs em território nacional, foi fechada pelo governo de Getúlio Vargas, em consequência da sua política de nacionalização e de assimilação forçada. O ALEM, e por extensão, o POM foi proibido de ser falado igualmente nas igrejas e nas repartições públicas, mediante decreto-leis. Assim, a língua dos lavradores pomeranos do interior do Espírito Santo foi confundida pelas autoridades brasileiras com a língua do *Führer* da longínqua Alemanha.

A escola então tornou-se pública e o ensino passou a ser dado em PORT.

2- SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA EM LARANJA DA TERRA

2.1 - Dados sobre o município

O município de Laranja da Terra localiza-se na região centro-serrana do estado do Espírito Santo e possui uma área total de 461 km². A população é estimada em 10.636 habitantes, conforme o último censo, dentre os quais 60% são pomeranos. A grande maioria dos habitantes do município (81%) reside na zona rural.

Em 1988 conquistou sua independência política, desmembrando-se de Afonso Cláudio. Laranja da Terra é um município essencialmente agrícola, predominando a pequena propriedade rural, com presença marcante de meeiros ou colonos. O grupo que pesquisamos mora nas cercanias da vila Laranja da Terra.

2.2 - Distribuição, domínio e uso das línguas

O grupo de falantes mais expressivo que encontramos na vila de Laranja da Terra é o de bilíngues em POM e PORT. Esse grupo apresenta peculiaridades diversas quanto à distribuição, domínio e uso das respectivas línguas. As variáveis sociais que consideramos mais produtivas na análise são idade, sexo e escolaridade.

2.2.1 - Falantes bilíngües em POM e PORT

A grande maioria da comunidade pomerana em Laranja da Terra, cerca de 70%, é bilíngüe em POM e PORT.

Cerca de 86% dos entrevistados adquiriu o POM antes da idade escolar (7 anos) e antes do PORT. Somam 21% os casos de bilingüismo coordenado, ou seja, esta parcela cresceu falando ambos os idiomas desde a 1^a infância.

No caso da língua oficial, 57% aprendeu o PORT na escola, i.e., entre este subgrupo este idioma foi aprendido, e não adquirido no âmbito familiar.

Merece destaque o subgrupo dos que não falam o POM desde a 1ª infância, mas só entre 6 e 10 anos. Os que adquiriram o POM nesta faixa etária contam com a idade de 12 a 15 anos e foi a *groutmutter*, avó, quem mais colaborou neste processo. Sublinha-se aqui o papel/resistência da mulher anciã pomerana na preservação do idioma nativo.

A comunidade autodenomina o POM pelos termos *Pomerisch*, *Pomerischplat*, *Platdüütsch*, *Düütsch* ou simplesmente *Plat*. Em Português, é chamado ainda de língua-baixa ou mesmo “Alemão”.

O POM é mais utilizado nas interações verbais da esfera familiar. Fala-se esta língua mais com os pais, avós, irmãos, parentes e vizinhos próximos. Já o PORT é mais utilizado em contextos formais, como escola, Igreja, casas comerciais, bancos, prefeitura e hospitais. Quanto mais perto da vila ou cidade, mais se utiliza do PORT nas interações verbais. Enquanto que o POM, embora seja bastante falado na vila de Laranja da Terra, é muito mais utilizado pelos moradores dos sítios. O POM, neste sentido, é um idioma [+ rural], enquanto que o PORT é [+ urbano].

Quanto ao grau de domínio/uso das línguas, encontramos: (a) os que dominam melhor o POM em relação ao PORT (58%) e (b) os que se expressam melhor no PORT em relação ao POM.

2.2.1.1 - A variável gênero

O primeiro item está representado pelas mulheres, ou seja, quanto ao uso da língua, as mulheres falam mais o POM do que os homens.

Pelo fato de concentrar mais o seu tempo em atividades domésticas, além dos trabalhos na roça, as oportunidades de convivência da mulher com o grupo de língua portuguesa e/ou de freqüentar a escola são menores. Já os homens convivem mais em grupo, o que lhes dá maiores chances de aprender e exercitar o PORT. Basta citar, por exemplo, que as transações comerciais e as idas à cidade são feitas geralmente pelos homens.

Em relação à variável gênero, temos a seguinte distribuição quanto ao domínio e o uso da língua na comunidade laranjense, conforme mostra o quadro abaixo:

<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>
- POM	+ POM
+ PORT	- PORT

As oposições entre o domínio e uso das línguas entre mulheres e homens são bastante proeminentes. As mulheres lideram o uso da língua familiar, enquanto os homens ficam com a língua de prestígio, i.e., o PORT.

Isso demonstra o grande apego da mulher pomerana à tradição que herdou. O POM é, pois, a língua ligada à realidade socio-cultural-religiosa do povo pomerano. Trata-se de uma forte marca de identificação do grupo étnico.

O ensino da língua pomerana, a educação dos filhos e as práticas religiosas são espaços que a mulher pomerana utiliza, talvez, para compensar

a falta de oportunidades que muitas vezes lhe são negadas na sociedade patrilinear¹⁰ e patrilocal em que vive.

Em relação ao PORT, uma tentativa de explicar a razão de uma parcela dominar melhor este idioma em relação ao POM, está relacionada com o fator escolaridade/idade.

2.2.1.2 - Escolaridade/idade

Grande parte do subgrupo (b) acima, que fala mais o PORT em relação ao POM, possui menos de 40 anos e cursou o ensino fundamental ou médio. Ao passo que o subgrupo que se expressa melhor em POM é composto, em sua maioria, por pessoas que não concluíram o ensino fundamental ou mesmo a 4ª série.

Pessoas do subgrupo (b) acima afirmam que o PORT às vezes é mais fácil de se falar por causa da influência da escola. Como de fato, na escola treina-se, em PORT, a escrita, a leitura, a aritmética e outras disciplinas. Por esta razão, talvez, esta língua acaba se fixando, entre muitos falantes, mais do que o POM, que é uma língua oficialmente ágrafa e, logo, carente de literatura escrita.

Ademais, o PORT, além da escola, é ainda utilizado pela mídia, seja através da rede de televisão, rádio ou material impresso. Deste modo, o prestígio do PORT é muito alto e acaba dominando, sem dúvida alguma, sobre vários setores da vida da comunidade.

Por outro lado, há pais que falam pouco o POM com seus filhos. Eles tentam justificar a sua postura a partir do seguinte argumento: pelo fato de terem chegado à escola sem saber falar o PORT, tiveram que passar por muita vergonha e humilhação. Por isso, falam mais em PORT e muito pouco ou quase nada em POM com os filhos, porque não desejam que aconteça o mesmo que ocorreu com eles na idade escolar.

Há, ainda, uma outra motivação, não desvinculada da primeira. É o caso de muitas crianças que após terem freqüentado a escola por alguns meses, passam a falar cada vez menos o POM em casa e mais o PORT.

Estes comportamentos refletem nitidamente a posição oficial da escola em relação ao *status* das línguas: O POM é considerado um dialeto apenas, e não tem, portanto, o *status* oficial de língua verdadeira, pois não possui escrita oficial e nem gramática normativa, além de falado pelo povo da roça, gente considerada culturalmente atrasada e socialmente inferior, enquanto que o PORT é a língua oficial do país. Além de gozar do prestígio de língua verdadeira, o PORT é um idioma que carrega conotações positivas como cultura, civilização e modernidade.

Comparado com o ALEM, o POM é também considerado língua baixa, inferior, principalmente, porque se deduz que *Platdüütsch*, Baixo-

¹⁰ Neste sentido, consideramos oportuno destacar que, ao contrário da sociedade pomerana, entre os grupos indígenas patrilineares da região do Vaupés, área situada entre o Brasil e a Colômbia, a primeira língua ensinada é o idioma do pai (Romaine: 39). De fato, aqui, não se pode falar em língua materna, que não é o caso da sociedade pomerana.

Saxão, situado ao Norte, não se refere à região plana onde são falados o conjunto das variedades, mas o termo é traduzido literalmente. Já o ALEM, *Hougdüütsch*, situado geograficamente (e originalmente) mais ao Sul, na região montanhosa, alta, assim não é interpretado, mas como uma língua alta, superior.

2.2.1.3 - Distribuição funcional das línguas

No caso do POM e PORT, não verificamos concorrência entre as línguas, como acontece, por exemplo, entre o Alemão-suíço versus ALEM,¹¹ mas há uma especialização funcional de cada uma das variedades: a variedade considerada baixa (POM) é utilizada no cotidiano, enquanto que a norma alta (PORT) é reservada para as situações mais formais. Este esquema pode ser assim representado, conforme segue:

variedade alta (PORT)

+ prestígio (jovens)
+ estandartização
+ aprendizado escolar

+ ambiente formal
+ urbano

variedade baixa (POM)

- prestígio
baixa estandartização
aprendizado natural

ambiente familiar, cotidiano
+ rural

3 - A COMUNIDADE POMERANA BILÍNGÜE DE LARANJA DA TERRA - CONCLUSÃO

Verificamos que na comunidade pomerana de Laranja da Terra encontramos uma situação de diglossia com bilingüismo. Embora o Português e o Pomerano sejam consideradas, respectivamente, variedades alta e baixa, cada uma destas línguas é utilizada em circunstâncias distintas e diferenciadas entre si.

Os povos germânicos que imigraram para o Espírito Santo, a partir de 1846 e, mais intensamente, em 1859, formavam um grupo cultural e lingüístico heterogêneo. Na comunidade pomerana de Laranja da Terra se reflete de uma maneira singular esta diversidade lingüística. Com o decorrer do tempo, o POM perdeu sua função de praticamente única língua falada entre os pomeranos. No entanto continuou sendo largamente empregada.

Cada grupo de falantes, bilíngües ou multilíngües, apresenta peculiaridades diversas quanto à distribuição, domínio e uso das respectivas línguas. O uso do ALEM ficou restrito a um número reduzido de pessoas e de idade mais avançada. Esta língua encontra-se em crescente declínio no que diz respeito à sua utilização, a partir do final da década de 1930, com o fechamento da escola alemã, e a introdução da língua portuguesa, com a criação da escola oficial, acrescida da vinda de pastores brasileiros para a comunidade a partir de meados dos anos 1970.

¹¹ Ferguson (1959).

O ALEM utilizado na Igreja cedeu lugar ao PORT. Atualmente, na comunidade de Laranja da Terra os cultos naquela língua foram reduzidos ao número de dois por ano, do qual quase só participam pessoas idosas.

Os dados apontam que o grupo bilíngüe em POM e PORT é o mais expressivo, composto cerca de 70% dos membros da comunidade. As variáveis sociais escolaridade, sexo e idade são as que mais se destacam quanto à menor ou maior utilização das línguas.

A língua pomerana é adquirida espontaneamente, junto à família, enquanto que o Português, na maioria dos casos, foi aprendida na escola, a partir dos 7 anos de idade. O Pomerano é mais falado pelas mulheres do que pelos homens; está mais presente entre os mais idosos do que entre os jovens. Quanto mais perto da idade jovem, tanto mais marcante é a presença do PORT.

Na sociedade pomerana, a mulher possui um papel decisivo na transmissão dos valores do grupo étnico, tanto lingüísticos quanto culturais. Nesta sociedade, portanto, é justo falar do Pomerano como língua-materna, já que são elas que mais falam com os filhos na fase da aquisição.

Quanto ao uso da língua, o Pomerano é mais utilizado nas interações verbais da esfera familiar e com vizinhos próximos. Já o uso do Português se dá geralmente em contextos formais, como escola, Igreja, bancos e prefeitura. Quanto mais perto da vila ou da cidade, mais se utiliza desta língua nas interações verbais. Neste sentido, o POM é uma língua [+ rural], enquanto que o idioma oficial é [+ urbano].

O Português goza de maior prestígio e carrega *status* de língua verdadeira e variedade alta, cuja influência provém da escola e da mídia. Essas tratam o Pomerano como dialeto apenas, pelo fato de não possuir escrita oficial e nem gramática normativa, além de ser falado pelo povo da roça, considerado culturalmente atrasado e socialmente inferior.

A escola, aqui novamente, demonstra ser o espelho da sociedade, o lugar da discriminação e da falsa homogeneidade lingüística e cultural. Neste sentido, aprender a falar uma língua que não é a sua e deixar de falar o próprio idioma não é algo espontâneo. Há condicionamentos históricos, sociais e políticos que influenciam e até decidem sobre o uso ou não de uma língua em detrimento da outra.

É viável uma comunidade de bilíngües tanto coordenados ou mesmo de bilíngües onde uma das línguas é primária em relação a outra. Não se trata apenas de uma transição entre dois monolingüismos, mas o bilingüismo pode perdurar.

Registramos, todavia, que nos últimos anos esta situação de auto-segregação começou a receber um novo enfoque dentro da sociedade pomerana. Exemplos concretos podemos encontrar na atuação de pessoas das áreas de educação e saúde. No campo da educação, especialmente, um grupo está preocupado com a alta evasão e reprovação escolares no meio rural. Verifica-se que este fenômeno se deve a dois fatores principais: (a) à má adequação dos currículos escolares frente à realidade socio-cultural do povo pomerano e (b) à alfabetização realizada em PORT em vez de POM, uma vez que muitas crianças chegam à escola sem saber falar o idioma oficial.

Esta nova proposta de educação escolar, que defende uma escola pomerana específica e diferenciada, intercultural e bilíngüe, certamente contribuirá para reforçar a própria identidade pomerana.

REFERÊNCIAS

- BECKERS, H. 1980. *Westmitteldeutsch Lexikon der germanistischen Linguistik*. Tübingen.
- BOURDIEU, Pierre. 1996. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo. EDUSP.
- DAMITZ, Hans. 1991. *Pommern in 19. Jahrhundert*. Polígrafo.
- FERGUSON, CH. 1959. Diglossia. *Word*, 15: 325-40.
- FISHMAN, J. 1971. The Relationship between Micro- and Macrosociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. In: Pride, J.B. & Holmes, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth.
- GRANZOW, Klaus. 1972. *Grün ist das Tal am Rio Itajaí*. Hamburg.
- GROTTKE, Gotthard. 1955. *Evangelisch-Lutherische Gemeinde Laranja da Terra - Aus der Geschichte einer lutherischen Gemeinde in Espírito Santo*. Ed. Rotermund. São Leopoldo.
- PAIVA, Maria da Conceição. 1996. Sexo. In: Mollica, Maria Cecília (Org.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. UFRJ. pp. 69-73.
- RÖLKE, Helmar R. 1996. *Descobrimos Raízes- Aspectos Geográficos, Históricos e Culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural.
- ROMAINE, Suzanne. 1994. *Language in Society*. Oxford University Press.
- STRUCK, Ernst. 1992. *Mittelpunktsiedlungen in Brasilien - Entwicklung und Struktur in drei Siedlungen Espírito Santos*. Passava Universitätsverlag Passau.
- VÁRIOS. 1955. *Lutherische Kirche in Brasilien: Festschrift zum 50-jährigen Bestehen der lutherischen Synode am 9. Oktober 1955*. São Leopoldo. Ed. Rotermund.
- WAGEMANN, E. 1949 [1915]. *A colonização alemã no Espírito Santo*.
- WILLEMS, Emilio. 1946. *A Aculturação dos Alemães no Brasil: Um Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre.

PUBLICADO EM:

- TRESSMANN, Ismael. 1998. *Bilingüismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra*. Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro.